

R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 149-192, ago-dez/91 a jan-jul/92.

MUHLSTEIN, Anka. *A ilha prometida; a história de Nova York do século XVII aos nossos dias*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, 263pp.

*José Carlos Sebe Bom Meihy* \*

Sedução e perversidade são dois adjetivos aplicáveis a *Ilha prometida: a história de Nova York do século XVII aos nossos dias*.

Sedução porque trata-se de uma viagem encantada ao passado de um lugar que, independentemente das preferências, é um dos referenciais básicos da modernidade. Perversidade visto que ao enlaçar mais de três séculos surpreende desprevidos os leitores. Sedução e perversidade que se fundem a cada página lida na medida em que a autora não disfarça o propósito de fascinar. Também não dissimula o apelo a fantasia e para tanto se vale de artimanhas deliciosas. Humor, suspense e polêmica se trançam exigindo velocidade e ritmo de leitura. Este é um livro daqueles que não se consegue fechar sem concluída a última página.

Os menos cáutos podem supor um relato apaixonado e deixarem se levar pela palavra fácil, incrivelmente instruída e pela escrita domada da autora. Afinal são casos e casos articulados segundo uma estratégia que combina com o factual com saídas repentinas para o presente, anulando assim a obsessão cronológica. Anka Muhlstein, européia que foi para os Estados Unidos em 1947, depois de viver em Paris, ao abrir o livro traz testemunhos de personalidades conhecidas e desta forma nos situa no texto como familiares de uma aventura que idêntica a Nova York "não está terminada".

O enredo fascinante desta história condensada desmonta as resistências na medida em que joga fora os andaimes teóricos, sugerindo inclusive que eles poderiam não ter existido. Será imediato para os que não conhecem história urbana pensar que a autora arrolou informações, procedeu a uma colagem e contou uma história sem os critérios sagrados pela academia. Outros contudo, aqueles mais habituados às reflexões teoricamente embasadas, podem também se admirar ao ver como algumas teses - como as propugnadas por Lewis Mumford sobre a personalidade urbana -, são presentes.

\* Departamento de História/USP.

Ainda que graciosamente, Muhlstein traduz a noção de Nova York como uma cidade composta, com espírito marcado, desde sua gênese, para crescer. Na essência, esta Nova York idealizada é uma cidade que se diferenciava das demais irmãs estadunidenses porque seria um lugar de todos - daí a recorrência à Terra Prometida. Como um espaço diferenciado, a Ilha se fez um território racial aberto, distinto do resto das treze ex-colônias. A diferença passa então a ser o traço original da cidade democrática por predestinação.

Sob a égide da diversidade através da história, Nova York passou a ser um possível paraíso étnico onde não apenas negros, mas também judeus, italianos, "hispânicos" teriam encontrado abrigo. Religiões variadas, línguas múltiplas, pratos de cozinhas inimaginadas teriam na Ilha condição de serem "típicos" pois uma vez adotada a cidade como as coisas qualquer "pessoa descobrirá, inteiramente surpresa, que se tornou sem saber, um novaiorquino autêntico".

Tramando a narrativa sob a evidência de que Nova York é o exemplo mais acabado de "cultura de incorporação" o livro é disposto em quatorze itens. Como nem tudo pode ser apenas só festa, é de se lamentar que a mão do editor tenha pesado impondo um último capítulo ("Brasil em Nova York, ou conclusão em três notas musicais"). A artificialidade deste ao corpo do texto se constitui em nota lamentável de uma edição bem feita e primorosamente traduzida.